

Centro Cultural, um presente para índios

Os caingangues não vão mais precisar ficar à beira da estrada para vender produtos. Terão lugar próprio.

Marilayde Costa
 Fotos: Alexandre Brandão

Londrina (Sucursal) – Os índios da Reserva Indígena de Apucarantina, que fica no município de Tamarana (62 km ao sul de Londrina), irão ser presenteados no Dia Nacional do Índio, 19 de abril, com a inauguração do Centro Cultural Caingangue (CCC). As novas instalações foram construídas com madeira e sapé para que fossem preservadas as características das habitações da reserva, visando assim perfeita adaptação dos futuros moradores.

O local foi planejado para receber as famílias indígenas da reserva que vêm regularmente vender seu artesanato em Londrina. “A permanência desses índios na cidade representa hoje mais do que um hábito cultural é uma fonte alternativa de renda para esta população”, enfatizou o administrador regional da Funai, José Gonçalves dos Santos.

O Centro Cultural Caingangue vem para solucionar a situação irregular dos índios que ficam acampados em fundos de vale e, principalmente, nas margens do Lago Igapó, um dos cartões postais da cidade. Segundo a Funai, esta é uma das principais reclamações feitas à Fundação. Os incomodados são, na grande maioria, os moradores vizinhos aos acampamentos, que são constantemente procurados pelos índios para doarem alimentos. Até a Câmara Municipal de Londrina enviou recentemente um ofício pedindo o recambiamento desta população para seu local de origem. “A Funai não pode obrigar os índios a ficarem na reserva. Eles são, por natureza, nômades e vinham para a cidade muito antes dela ser colonizada. A reserva indígena não é uma prisão”, declarou o administrador regional da Funai.

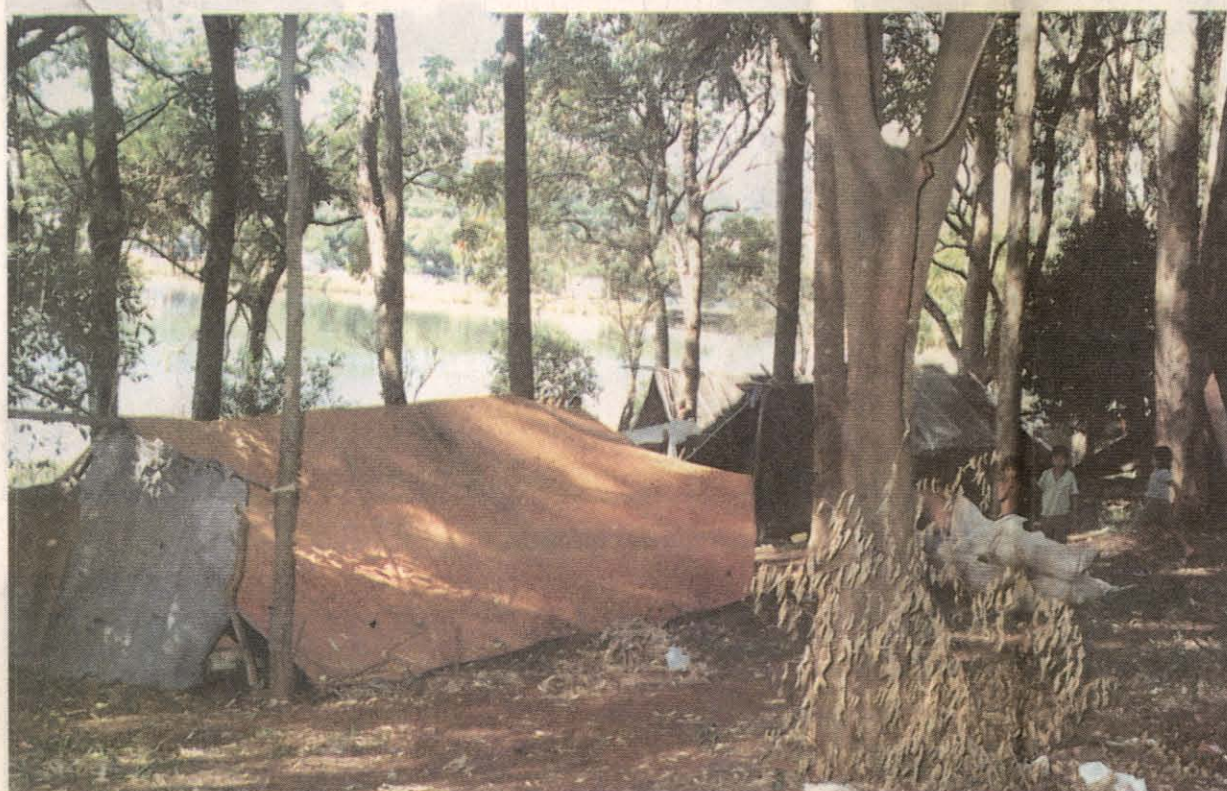
O CCC foi construído pela Prefeitura de Londrina e deve acolher, em sistema de rodízio, cerca de cinquenta índios simultaneamente até no máximo por um período de trinta dias cada pessoa. As



□ No Lago Igapó, os índios lavam roupa e tomam banho.



□ Às margens do Lago Igapó é o local que os índios mais gostam de acampar, pela proximidade com o rio.



□ Os acampamentos indígenas, nas margens do Lago Igapó, estão com os dias contados.

cinco casas construídas possuem instalação elétrica, sanitária e água encanada. O projeto foi elaborado por arquitetos do Instituto de Pesquisas e Planejamento Urbano de Londrina (Ippul), levando em consideração os costumes indígenas de moradia. Quatro casas serão usadas

para alojamento e na quinta funcionará a cozinha e os banheiros.

Além de funcionar como um acampamento provisório dos índios e local de venda de artesanato, o CCC terá um espaço permanente para exposição de fotografias, livros, objetos da cultura indígena e vídeos referen-

tes ao povo caingangue. A localização do CCC é a mesma de um dos locais em que os índios já tinham o hábito de acampar quando vinham para Londrina. O Centro Cultural foi construído na margem direita da 10 de Dezembro, na zona sul da cidade, no Jardim Arpoador.



□ Caingangue Adilson Luiz: “Ficamos na cidade o tempo de vender o que trazemos e ir embora. Nós precisamos deste dinheiro para comprar sal, banha e outros alimentos que não plantamos”.



□ Crianças indígenas passam o dia na calçada brincando e tentando vender o artesanato.

Rejeição a jornalistas

Alguns índios que acampam no Lago Igapó rejeitam ainda a chegada de brancos, principalmente os jornalistas. A equipe de reportagem de **O Estado** quase foi obrigada a sair do acampamento do Lago Igapó por um índio que não disse mais nada a não ser: “Não estamos precisando de jornalistas aqui. Vá falar com a Funai”.

Mas a resistência aos brancos não é de todos. Alguns, como o caingangue Adilson Glicério Luiz, da Reserva Poço Rio das Cobras, de Cascavel, que há quatro anos está na reserva de Apucarantina como evangélico para pregar, se prontificou a conversar com a equipe. Ele contou que durante todos estes anos vem à Londrina negociar suas peças artesanais. Ele conta que a maioria dos índios traz balaio para vender, de diversos tamanhos. Os índios trazem também para vender palmito, flechas e outros objetos típicos de sua cultura.

Os caingangues Adilson e Mário de Oliveira, da Reserva de Apucarantina, disseram que a venda do artesanato está se tornando cada vez mais difícil. “Está tudo mudado. Não é como antes. Hoje, levamos, às vezes, um dia inteiro para vender um balaio.

Mas como precisamos, insistimos”, revela Mário.

No Lago Igapó ficam em média cerca de dez famílias. Cada uma delas fica em torno de dez dias em Londrina. “Ficamos na cidade o tempo de vender o que trazemos e ir embora. Nós precisamos deste dinheiro para comprar sal, banha e outros alimentos que não plantamos”, conta Adilson. Mário lembra que o dinheiro é usado também para a compra de roupas e calçados. Segundo eles, a mudança para o Centro Cultural Caingangue está sendo bem aceita pela comunidade indígena até porque, nos acampamentos, os índios ficam em precárias barracas de lonas.

Segundo a Funai, as margens do Lago Igapó têm sido até o momento o local que os índios mais gostam de acampar, pela proximidade com o rio. Ali, os índios lavam roupa e tomam banho no lago, as crianças pescam e nadam, quando não estão ajudando vender os balaio. Os índios que mais vêm para Londrina vender artesanato são oriundos da Reserva Apucarantina. Os dias que antecedem o Dia Nacional do Índio, 7 de Setembro, Natal e Ano Novo são os períodos que os índios mais procuram a cidade para comercializar seu artesanato. (MC)

Reservas Indígenas da Funai/Regional Londrina

Reserva	População	Área (hectares)
Apucarantina	1.052	5.574 mil
Barão de Antonina (São Jerônimo da Serra)	362	3.370 mil
São Jerônimo (São Jerônimo da Serra)	423	1.434 mil
Pinhalzinho (Tomazina)	92	594
Laranjinha (Santa Amélia)	232	284



□ As cinco casas de madeira e cipó irão acolher os índios que vêm a Londrina vender artesanato.